



RESENHA

PAIM, Soldateli Elisangela (Org.). **Resistências e Re-existências: mulheres, território e meio ambiente em tempos de pandemia.** São Paulo- SP: Funilaria, 2020. 166p.

Hellen Rodrigues Batista – UnB – Brasília – Distrito Federal – Brasil
hellenrodriguesbatista@gmail.com

Anunciado pela editora Funilaria e com apoio da Fundação Rosa Luxemburgo, a obra *Resistências e Re-existências: mulheres, território e meio ambiente em tempos de pandemia* contém 166 páginas que se divide em seis artigos firmados individualmente por pesquisadoras, especialistas, ativistas e, coletivamente, por mulheres do Coletivo Nacional de Mulheres do Movimento dos Trabalhadores (as) Sem Teto (MTST), da Rede Agroecológica de Mulheres Agricultoras, Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq), entre outras autorias.

O livro organizado e apresentado pela jornalista Elisangela Soldateli Paim, traz textos produzidos por mulheres de diferentes localizações políticas territoriais identitárias, que somada a potentes ilustrações produzidas por Cibele Lucena para cada capítulo, promovem a discussão de temas como: meio ambiente, território, territorialidades e pandemia. Tendo como pano de fundo o ano de 2020, para sua produção e publicação, este trabalho não foge ao contexto vivido pelo mundo em plena pandemia de quase total desconhecimento do vírus SARS-COV-2, mais conhecido como COVID-19. Naquele momento, as disputas geopolíticas em torno das medidas de isolamento foram adotadas pelo mundo, destacando os grandes desafios deste novo cenário que não apenas afetou os grandes centros urbanos, mas, em escalas e intensidades variadas, as territorialidades específicas e diversas pelo país.

Contribuindo de forma articulada com os movimentos e organizações sociais, sobretudo, indígenas e territórios/comunidades quilombolas, o livro *Resistências e Re-*

Existências: mulheres, território e meio ambiente em tempos de pandemia, apresenta análises e ações que discutem os retrocessos de direitos no Brasil e a escalada brutal de conflitos territoriais e socioambientais que também se somam aos corpos femininos.

As reflexões sobre pandemia, seus impactos e mudanças climáticas não são desvinculadas dos fossos abissais promovidos pelo atual sistema mundial de organização social e economia, que é o capitalista, esta observação apresentada pelas autoras não suplanta as questões interseccionais de raça e gênero.

Com um horizonte de compromisso político feminista e antirracista, os textos estão dispostos de forma a trazer contribuições de integrantes de movimentos sociais e academia que abordam assuntos como: proteção ambiental; violências múltiplas sofridas por mulheres durante o contexto de pandemia; falta a acesso de alimentos de qualidade; violência institucional do Estado; desregulamentação das políticas de proteção ambiental.

Escrito por Cris Faustino o capítulo de abertura *Retrocessos socioambientais e vida nos territórios* apresenta ao leitor (a) as políticas de desmontes no que tange as questões de proteção ambiental desde antes do golpe político-cívico institucional realizado no Brasil em 2016. Argumentando que analisar os retrocessos no que concerne aos direitos e conquistas democráticas na última década e em como isso interfere o cotidiano brasileiro é uma tarefa complexa, a autora visa acrescentar ao debate não de maneira a esgotar o assunto, mas sim trazer à tona a concretude das lutas coletivas e individual feminina negra e indígena que traz esperança e inspiração combativa a uma agenda de ataques de sociais.

O texto posterior intitulado *Antiambientalismo bolsonarista e financerização da natureza em tempos de pandemia* abre-se com um desenho de um punho fechado segurando um ramo de flores e uma folha da espada de São Jorge com a seguinte frase acima da imagem *Tem no cuidado uma estratégia de luta*. A disposição desta ilustração não ocorre de modo aleatório, pois o escrito produzido por Fabrina Furtado trata sobre como as reformulações das leis e normas apoiado em um discurso antiambientalista

discriminatório produzido durante a gestão Bolsonaro foi escudo para destruição ambiental e perseguição política de lideranças.

Seguindo este caminho Furtado, comprova com base na coleta de dados por distintas fontes secundárias em como todo este discurso discriminatório antiambientalista foi basilar para promoção da indústria mineral e do agronegócio durante a pandemia, ligado a isso a escritora também, demonstra em como soluções baseadas em um capitalismo verde sustentável não é a resolução, mas sim uma financierização da natureza, evidenciando que toda uma aposta deve ser lutas conduzidas pelos povos indígenas e territórios/comunidades quilombolas.

Inspiradas na revolucionária comunista Rosa Luxemburgo, Kelli Mafort e Lisbet Julca representantes do Movimento dos (as) Trabalhadores (as) Rurais Sem Terra-MST nomeia o terceiro capítulo da obra com seguinte frase de Rosa Luxemburgo: *Quem não se movimenta, não sente as correntes que a prendem*, a força seguida ao texto por esta frase/título guia toda uma articulação propostas pelas escritoras em retratar que a origem das sociedades de classe está intimamente ligada à violência de gênero que se associa com o racismo. Compreender toda essa engrenagem opressiva como proposto por Mafort e Julca é entender que o capitalismo não se consolida sem uma divisão sexual e racial do trabalho.

As autoras aprofundam mais sobre estas conclusões ao expor de maneira comprobatória que o processo pandêmico acelerou toda uma crise estrutural do capital junto a seus impactos que atinge toda uma grande população de explorados/oprimidos com base em classe, raça e gênero. Sendo as mulheres as principais defensoras de seus territórios e as mais vulneráveis, a violência de gênero em escalada brutal não se restringe apenas a seus corpos em sentido biológico, mas sim a seus corpos-territórios (GAGO, 2020).

Os avanços das desregulamentações e a falta de proteção as mulheres que se acirraram durante a pandemia de COVID-19 trouxe uma auto-organização feminina de combate a violência de gênero no campo e cidade. Mafort e Julca, neste trabalho apresentam a efetividade organizativa de organizações como o Movimento dos (as)

Trabalhadores (as) Rurais Sem Terra- MST que entre tantas lutas, também se alinham a uma agenda política ambiental contra o agronegócio e o neo-extrativismo.

Redigido pelo Coletivo Nacional de Mulheres do MTST o texto, *O MTST, a pandemia da COVID-19 e o papel das mulheres do movimento*, discorre sobre o que seria o Movimento dos (as) Trabalhadores (as) sem Teto- MTST, apontando que a conquista de moradia digna possibilita uma melhor organização política militante ativa a toda classe trabalhadora. A evidência da crise urbana que é causada por baixos salários, precarização do trabalho, alta especulação imobiliária e elevadas taxas de desemprego se torna necessária.

Tendo enquanto protagonistas da luta mulheres durante o período pandêmico, uma das principais lutas encabeçadas pelo movimento foi à proibição dos despejos e das reintegrações de posse em terrenos ocupados. A frente das lutas e desafiadas constantemente às mulheres do Movimento dos (as) Trabalhadores (as) sem Teto- MTST entende a necessidade de postular suas reivindicações que para elas se faz por meio de um feminismo popular que como apresentado ao texto revigora todo um combate por romper com noções individualistas consolidando assim processos de libertação.

Partilhando de uma coletividade ancestral o texto *Resistindo em mutirão: território, ancestralidade e luta feminista no Vale do Ribeira*, produzido por Miriam Nobre, Natália Lobo e Nilce Pontes trazem ao público leitor a experiência geracional múltipla de luta, memória e preservação territorial conduzida por mulheres. Demonstrando que ancestralidade e território se confluem para além do espaço físico e que toda esta interligação é presente para celebração religiosa de matriz negra africana. Traçando esse paralelo as autoras demonstram a diferença do que seriam raiz e tempo no território/comunidade quilombola.

Dando continuidade a esta perspectiva de raciocínio a presença do comunitário junto ao fortalecimento de vínculos internos foram pilares basilares para território/comunidade do Vale do Ribeira durante a pandemia de COVID-19. A mobilização coletiva como apresentado ao escrito não se fez apenas no espaço da

território/comunidade quilombola, mas se expandindo. Com base numa organização própria comunitária conduzida por mulheres do território/comunidade do Vale do Ribeira, durante o processo pandêmico continua objetivando estabelecer novos horizontes.

Intitulado *Mulheres indígenas: a dimensão do cuidado como potência* produzida por Iara Tatiana Bonin, articula os desafios postos aos povos indígenas durante a pandemia de COVID 19 e as experiências femininas indígenas que não se isolam de todo um contexto de violações históricas de direitos, violências cotidianas e omissões por parte do poder público. A retratação de todo este cenário histórico violento presente ao país por cerca de 520 anos é uma maneira de trazer em voga toda uma ampla teia de resistência presente aos povos indígenas.

Entendendo o cuidado enquanto mais um instrumento de luta as mulheres indígenas durante a COVID-19 tornou a comunidade, terra, vida e saúde uma potência política se dispondo neste período por múltiplas frentes protagonizando debates, reuniões, *lives* e afins. Tomar a frente de todas essas demandas como discorrido ao texto para estas mulheres não é uma escolha simples, pois militantes indígenas não apenas seu território que está em defesa, mas todos os seres vivos do planeta.

Como exposto no início deste texto, a obra analisada tem uma variedade de artigos que se interligam de maneira a demonstrar que as lutas políticas não devem ser travadas em perspectivas separadas, e sim alinhadas frente às matrizes de opressão pelas quais os grupos referendados sofrem ao mesmo tempo em que elaboram estratégias políticas para enfrentá-las. As intelectuais apresentadas tratam em seus escritos de temas complexos e urgentes a toda uma agenda política de lutas, principalmente no tocante ao meio ambiente, moradia, direito a terras e territórios, direitos dos território/comunidade quilombolas, os povos indígenas e a demandas específicas territoriais e socioambientais.

Contribuindo ao campo das ciências sociais e geografia com os temas terra, território e territorialidades este trabalho se torna fundamental por trazer ao público brasileiro uma ampla visão destas questões por mulheres que estão a conduzir todo

este debate, além disso, esta obra soma-se ao uma agenda combativa internacional por compreender que a atual crise do sistema capitalista também é uma crise ecológica (ARRUZZA; BHATTCHARYA; FRASER, 2019).

A inter-relação e ligação tratadas pelas autoras aos assuntos presentes no livro demonstram que o sistema de produção capitalista, em suas diversas contradições e combinações, não poupam quem não esteja à frente de seus postos de comando. Retratar que dentro do atual sistema em que as opressões se retroalimentam não significa meramente apresentar um cenário catastrófico, como a obra argumenta, trazer esta noção à tona é criar uma agenda de lutas que seja contínua e que atenda a um desmonte total do sistema capitalista (MARTÍNEZ, 2022).

Escrito durante o momento auge de pandemia vivido no Brasil e mundo, este se soma a toda uma reflexão atenta sobre bem viver, corpo-território e outras demandas dificilmente discutidas em diversos campos considerados progressistas. Após três anos de sua primeira publicação, os efeitos causados pelo vírus SARS-COV-2 foram “amenizados” com a cobertura vacinal, porém, a violência no campo e nos território/comunidade quilombola expropriação territorial e despejos continuam, assim como a organização protagonizada por mulheres contra a todo este sistema de desmonte e opressão.

Referências Bibliográficas

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithia; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99% um manifesto**. Tradução: Henci Regina Candiani. São Paulo-SP: Boitempo, 2019.

GAGO, Verónica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. Tradução: Igor Peres. São Paulo-SP: Editora Elefante, 2020.

MARTINÉZ, Josefina. **Nos mulheres, o proletariado**: Greves de mulheres trabalhadoras, ontem e hoje. Tradução: Luciana Vizzotto. São Paulo-SP: Iskra. 2022.

PAIM, Soldateli Elisangela (Org.). **Resistências e Re-existências: Mulheres, território e meio ambiente em tempos de pandemia**. São Paulo-SP: Funilaria e Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

Hellen Rodrigues Batista - Graduação em andamento em Sociologia (bacharel) e Licenciada em Ciências Sociais pelo Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Possui experiência como curadora e oficinaira do projeto de extensão Escrevivências com ênfase em literatura negra-feminina (DEAC). Integrante do grupo PET Música do Oprimido: Poderes, Saberes, Processos e Práticas no Protagonismo Juvenil-CEAM no período de 2019 à 2021, enquanto bolsista. Atualmente, pesquisa no campo da educação antirracista e literatura negra brasileira. Co-fundadora do Coletivo Escrevivências.

Recebido para publicação em 16 de dezembro de 2022.

Aceito para publicação em 20 de dezembro de 2022.

Publicado em 05 de março de 2023.